

# LUCAS CASSULE

UMA HISTÓRIA SOBRE O RITUAL DE INICIAÇÃO EM ANGOLA



**E F I K O**

**LUCAS CASSULE**

**CONTO**

©Lucas Cassule, 2021

Título: Efiko

Autor: Lucas Cassule

**Contactos para palestra, seminário e workshop**

E-mail: [lucascassule@gmail.com](mailto:lucascassule@gmail.com)

instagram: [@lucascassule.ao](https://www.instagram.com/lucascassule.ao)

**Edição e paginação**

Lucas Cassule

**Design de capa**

ésobrenós Editora

**Execução Gráfica**

ésobrenós Editora

**Revisão**

Alzira Simões

**Marketing e publicidade**

Alusapo | Julieta Nguenda | Lucas Cassule

**Conselho Editorial**

Victor Amorim Guerra | Elisabeth Lorena Alves | Youran Mendes

ISBN: 978-989-53537-1-2

Edição digital

---

**ÉSOBRENÓS EDITORA**

Mutamba, R. Amílcar Cabral 170 - 1º, Apto. 3 | Luanda – Angola  
Zango I, Quarteirão F, R. 10 (paragem do parte-braço), casa nº 415.

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte,  
seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.

escrito do autor.

## LUCAS CASSULE

Nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. É Professor, Escritor e Editor. É autor dos livros: A vila assombrada pelos makixi, Afroerotismo em contos, Mil correspondências e co-autor do livro Karingana - 2 povos, 2 contos e do livro Pelo Poder Popular. O autor também trabalha como locutor e apresentador do programa “Conversa Escrita”, na rádio Muzangala. No dia 31 de Julho de 2022 foi homenageado pela AfriCan na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano.



De que vale um conto, um romance, um poema guardado na sua gaveta? Publique com a ésobrenós!

E-mail: [geral@esobreler.ao](mailto:geral@esobreler.ao)

Contactos: +244 924 477 532 | 919 146 296

Siga o autor no Instagram e Facebook: [@lucascassule.ao](#)

LÁ FORA, À BEIRA DA MORTE, o cabrito balia de agonia. Crianças, adolescentes e adultos gritavam de euforia sob uma gigante fogueira acesa no nosso quintal. Até o interior da residência foi invadido pelo cheiro denso do fumo. Era o início de uma nova era para todos, especialmente para mim. Naquela noite do mês de Junho, estava fria, muito fria, mas nem era por isso que eu tremia, embrulhada sobre o cobertor, ali no meu quarto. Mudanças, eu não imaginava o quanto as mudanças nos deixavam inseguras e apavoradas, até chegar aquela noite.

— Estrela! Estrela!

— Sim, mãe — respondi com a voz abafada entre os lençóis. Precisei gritar duas vezes para me fazer ouvir.

A mãe empurrou vagarosamente a porta, colocou a cabeça para dentro e disse:

— Filha... é a tua noite. Hoje é a última noite em que tu és a nossa menina, amanhã serás uma mulher para o mundo. Anda, levanta-te daí e vem juntar-te à festa com os teus irmãos e amigas, com o resto da tua família.

— Mãe... Eu posso ficar mais um pouco?

— O que foi, filha, algum problema?

— Não, mãe. Quer dizer, sim, ou seja, talvez eu só precise

de um momento sozinha. Mãe, tu também tinhas medo?

— Espera aí... no ano passado, quando falei que esse momento estava próximo, tu ficaste muito feliz, te lembras?

— Sim, eu lembro-me. Mas agora é diferente, agora é real.

A minha mãe, que se encontrava parada enquanto me dirigia as palavras e olhava para os cantos da casa, entrou e encostou a porta de madeira, caminhou até a minha direcção, sentou-se na cama e ficou a olhar a luz do candeeiro aceso, sem dizer nada por alguns segundos. Depois de breves instantes, voltou a olhar para mim e esboçou um leve sorriso.

— Que disparate... a minha filha tem medo de ser uma mulher.

Ela riu, rimos as duas e depois de um breve silêncio, ela virou a cabeça do outro lado e falou baixinho:

— Bem, eu tive exactamente o mesmo sentimento quando cheguei a minha vez, tinha mais ou menos a tua idade, um ano mais nova, eu tinha treze.

— E qual era o teu maior medo?

Ela aninhou-se um pouco mais para o meu lado e respondeu, com os olhos ainda fixos sobre a luz. Olhos que traduziam tristeza, como se estivesse a ser obrigada a reabrir velhas feridas:

— Mwene, o teu pai. Casar com o teu pai, era este o meu maior medo.

Tendo dito aquilo, nós as duas remetemo-nos ao silêncio. Penso que foi um intervalo de pelo menos dois minutos,

apenas apreciando expectante as nossas respirações, como se estivéssemos a dialogar em pensamentos. Eu fui tomada por um choque com aquela resposta e, enquanto esperava que a minha mãe argumentasse, preparava-me psicologicamente para ouvir o pior. Mil ideias passavam pela minha cabeça, todas chocantes. Como assim, medo do meu pai?

— Eu já tinha sido prometida a ele, de modo que, após a cerimónia, tinha tudo encaminhado para que o relacionamento se consumasse. Eu seria realmente a mulher dele e não podia fazer escolhas, entendes?

— O quê? Não mãe, não entendi. Qual era o motivo da decepção, não amas o meu pai?

— Filha, isso foi no passado. O amor é um processo e tem coisas que vão além da tua compreensão. Apenas lembra-te que, como mulher, na tua comunidade tens deveres a cumprir e muitas vezes isso vai além das coisas que defendes, do que é certo ou errado para ti.

— Isso é muito triste, mãe!

Ela fitou-me encolheu o ombro e voltou a sorrir.

— É por isso mesmo que tenho tanto medo. Eu acho que é muito cedo, não estou preparada para ser tratada como uma mulher e principalmente quando a maior parte das escolhas não somos nós quem as tomamos.

— Estrelinha, minha pequena, vai ficar tudo bem, ok? Hoje o teu mundo é bem diferente do meu, algumas coisas sofreram mudanças. Mas, manter as nossas raízes e tradições é importante, faz parte do que somos. É preciso manter a ligação com o nosso passado e as nossas origens para não nos perdermos com a transformação dos tempos.



— Não sei, mãe. Não sei...

— Olha para ti, com essa fisionomia e este corpo, ainda achas que é cedo? Olha para os teus seios como estão crescidos — destapou-me o cobertor e apontou em direcção ao meu peito — melhor que seja agora, antes que o diabo entre na tua cabeça e desonres a nossa família. Tem de ser agora, sempre foi assim, comigo, com a tua avó e os teus ancestrais, sempre foi assim e não podemos mudar.

— Hmmm. Está bem mãe.

— Anda, vamos lá fora celebrar este momento bonito e especial da tua vida. Estes últimos quatro dias serão muito importantes para ti e para mim como mãe, lembrarei com orgulho e sei que o farás também — levantou-se — venha minha Estrela cadente.

— Cadente, mãe?

— Sim, o que achavas que eras, uma estrela que fica ali parada no céu sem fazer nada? Não, tu és uma Estrela cadente, minha filha e onde quer que tu vás, lembra-te disso.

Quando saímos pela porta fora, foi então que percebi o quanto aquele bate-papo de mãe e filha tinha sido demorado. O animal já tinha sido esfolado e pendurado sobre o lume, os mais velhos da vizinhança, junto com o meu pai e tios, sentados no outro canto do quintal, à volta da mangueira, com as suas canecas na mão, bebiam, conversavam e sorriam. Ao notar a minha presença, o meu pai dirigiu palavras aos convidados e apontou para mim com sorriso largo no rosto, orgulhoso por ter cumprido a etapa como tutor. Talvez seja realmente isso ou será pelo *namatuka*<sup>1</sup> que

1 Um dos três bois pago em tributo à família da noiva por parte do rapaz no casamento tradicional.

irá receber quando chegar o meu casamento?

— Filha, vai cumprimentar os teus tios e todos os visitantes. Não te esqueças que tu és a anfitriã.

— Sim, mãe, eu vou. E quem é aquela moça ali ao pé da fogueira a dar indicações como se fosse parte da família?

— Welwitschia.

— Como a planta?

— Sim, filha, como a planta.

— É da família?

— Não. Ela será a tua mãe nos próximos três dias. Só isso.

— Ah, isso, a preparação para a cerimónia!

— Isso mesmo. E, filha, cuida-te, obedeça-lhe como se fosse a mim e não te esqueças de demonstrar tudo o quanto te ensinei. Não quero que pensem que tu és uma daquelas filhas despreparadas. Tu és uma Handa, como eu.

— O que acontece à mulher que não passa pelo ritual?

— Bom... Eu sempre te falei sobre isso, não é nada de que tu já não sabes. Além de ser um desrespeito grande à família, a mulher pode se tornar estéril ou passar por vários acontecimentos maldosos. São obrigações, filha, temos de seguir tal e qual.

— Mãe, um dia conta-me bem a história com o meu pai, tenho muito interesse em saber.

— Combinado, quando estiveres mais crescida e eu me sentir confortável, eu te conto.

A noite tinha sido longa. A festa tornara-se bem melhor depois, com a presença de várias amigas minhas e os mais velhos tomaram conta da roda de dança, após consumirem uma boa dose de *macau*<sup>2</sup>. Era bonito de se ver, por algum momento eu deixei de lado a minha preocupação sobre todo esse processo de transformação, menina a adulta, pronta para começar um relacionamento e num futuro bem próximo, gerar filhos.

Depois da cerimónia, fui levada pela *Welwitschia* mesmo naquela noite. A minha mãe e o meu irmão *Khavela*, dois anos mais velho do que eu, também foram acompanhar-me até aos aposentos dela, onde encontrei dez outras meninas. Naqueles três dias, davam-nos banho, ensinavam-nos a comportarmo-nos como mulheres e a preservar a nossa integridade. Nós não podíamos ir para fora da casa, a nossa rotina terminava apenas no quintal e não podíamos falar também, apenas ouvíamos e acenávamos com a cabeça ou as mãos, como mandam as tradições.

Estávamos vestidas e preparadas como tal. Usávamos panos de várias cores, missangas, cada uma de acordo com a sua linhagem familiar. Estávamos todas ansiosas para atravessar o momento e encarar a vida após o processo. Éramos várias, outras dezenas de meninas vindas de outras mães, o bairro todo parece que tinha parado para a cerimónia e estávamos todos ali concentrados no campo da comunidade.

— Ouvi que os teus tios mataram três bois para o ritual.

— Taleny, quem foi que te contou?

2

Bebida tradicional feita de massango, açúcar e fermento.

— A mãe, a nossa Welwitschia.

— Ah, ela... pensei que não era suposto ela abordar assuntos destes com as filhas durante o isolamento.

— Não foi lá, Estrela, falou-me há bocadinho quando nos organizávamos.

— E porque razão esse assunto pareceu-lhe importante?

— Acalma-te amiga, ela só ficou entusiasmada pelo poder da tua família.

— Estou calma. Eu só quero que entendas que *nem tudo o que parece ser, é*. Percebes?

— Sim, entendo.

— Certo. Agora diga-me, e tu, quantos bois?

— Apenas um. A minha família não tem poder para mais.

— Não se trata disso, a tradição exige apenas um boi para cada menina. Famílias como a minha é que são exageradas.

— Eu gostaria de ter o teu senso de observação sobre as coisas.

— Taleny, acredita, se te permitires, és tão inteligente como qualquer outra pessoa. As coisas estão à nossa vista, precisamos enxergar com os nossos olhos.

— Mas nós somos mulheres, tem muitas coisas que não podemos mudar, embora tenhamos opiniões diferentes.

— Precisamos mudar isso, algumas coisas não precisam ser assim.

— Mas então, não gostas do *efiko*<sup>3</sup>, das nossas tradições, do ritual de passagem, das nossas danças?

— Gosto. Amo as danças, penso que é a manifestação cultural mais bonita, dança e canto. Gosto das nossas tradições, dos nossos símbolos. Mas, tu não achas que algumas coisas são exageradas? Por exemplo, eu posso passar pela cerimónia da puberdade e isso não significa que esteja pronta para contrair o matrimónio, porque, verdade seja dita, tendo catorze ou dezasseis anos, ainda somos pequeninas.

— Meu Deus, Estrela, quem és tu? Onde tiras tanta sabedoria?

— Pensa Taleny, pensa.

— E agora, o que vais fazer se fores escolhida e um rapaz pedir a tua mão aos teus pais?

— Não sei, sou apenas uma menina, talvez faça o que os meus pais mandarem. Mas, olha, quando eu tiver filhos, vou trabalhar para que eles tenham mais possibilidades de escolhas.

— Estrela... é agora, o momento mais alto da cerimónia está a começar. Pára de resmungar e abraça o destino, e sei bem de onde vem essa tua rebeldia, és uma Handa.

E fomos brindados com sermões e agradecimentos aos ancestrais. Depois, num grito desenfreado, despontou o som do batuque, *sacaías*<sup>4</sup> e outros instrumentos tradicionais.

3 Festa tradicional das comunidades Nhaneca, Humbi, Mucubais, Kwanhamas no do Sul de Angola que marca a transição das meninas da fase de adolescente para a adulta.

4 Instrumento musical constituído por uma cabaça com grãos no interior.

Nós dançámos o *ovindjomba*<sup>5</sup>, os mais velhos balançavam a um ritmo diferente, mais maduro, as crianças dançaram, os ancestrais dançaram e benzeram a cerimónia. É o adeus à puberdade. Celebrámos orgulhosas, o legado do nosso povo. É o nosso passe para a idade “adulta”. Efiko!

Por Lucas Cassule

Aos 25/09/2021

---

5

Dança típica na cerimónia de passagem.